

A GUERRA QUE BIN LADEN JÁ GANHOU

Jonathan Freedland

O Estado de S.Paulo, 13 de outubro de 2001

Poucos dias depois de iniciado o conflito, surge um pensamento terrível: e se Osama bin Laden estiver vencendo a guerra? As imagens da televisão contam o oposto. Bin Laden é o fraco que se apóia numa bengala, a caça perseguida na toca. Cerrando fileiras contra ele estão as mais poderosas forças do mundo. Conforme o primeiro-ministro britânico, Tony Blair, declarou ao mundo na semana passada, "esta é uma luta com um só desfecho: nossa vitória, não a deles".

Seria verdade se esta fosse uma guerra comum, entre dois países. Se fosse uma batalha contra o Iraque ou a Sérvia, o resultado estaria predeterminado.

Mas esta pertence a uma categoria própria. As diferenças são óbvias: Bin Laden é um líder sem país, e suas "tropas" são discípulos espalhados e ocultos ao redor do globo, impossibilitando um ataque convencional a ele.

Erradicar a organização Al-Qaeda com um ataque aéreo é o mesmo que destruir um vírus da gripe com uma marreta: não vai dar certo.

Mas isto é apenas parte da diferença. A característica que define esta guerra é a centralidade da propaganda. O que se choca aqui não são dois exércitos, mas duas formas de persuasão. A coalizão encabeçada pelos Estados Unidos argumenta que não se trata do Ocidente contra o Islã, mas do mundo contra o terror. O principal defensor dessa retórica é Blair, que na semana passada levou sua mensagem diretamente ao mundo árabe por meio de entrevista à TV Al-Jazira, de repente uma emissora muito em voga.

Bin Laden não é menos eloqüente, defendendo seu argumento na mesma TV, e na noite em que os bombardeios começaram. (Criadores de imagem pública no mundo todo só podem aplaudir a competência de Bin Laden na mídia: ele pode ser um terrorista, mas evidentemente leu o livro Clinton-Blair sobre refutação rápida.) Sua versão é o oposto da que Blair e George Bush repisam.

"Estes acontecimentos dividiram o mundo em dois campos - o dos fiéis e o dos infiéis", declarou Bin Laden. Para ele, não se trata de uma guerra ao terror, mas do Islã contra todos os demais.

A pergunta prontamente fica sendo: que versão está prevalecendo entre as pessoas que importam - os árabes e muçulmanos? Londres e Washington insistem em que governos árabes e muçulmanos aceitam sua opinião de que o alvo dos tremendos ataques atuais são o Taleban e a Al-Qaeda, e ninguém mais. Mas os muçulmanos comuns não vêem as coisas dessa forma. Apesar de todas as garantias dadas por reis e

déspotas, grandes segmentos de suas populações - não podemos chamá-las de eleitorados - cerraram fileiras com Bin Laden. Na verdade, elas consideram a atual ofensiva de bombardeios a suprema confirmação da mensagem dele: que os EUA e seus aliados vão sempre tentar esmagar os pobres povos muçulmanos, estejam onde estiverem.

Eis por que eles fazem manifestações a favor de Bin Laden no Paquistão, Indonésia e Faixa de Gaza. Exibem seu rosto em cartazes e o chamam de campeão da "nação islâmica". Os chamados países árabes moderados, incluindo a Arábia Saudita, se negam a fornecer aos EUA até a cooperação militar que deram durante a Guerra do Golfo, tão grande é o seu medo de parecer que estão em conluio com o Grande Satã.

Contrastando com o conflito de 1991, a guerra noturna contra Cabul é conduzida sem a ajuda militar de um só país muçulmano. Mesmo aqui na Grã-Bretanha, líderes muçulmanos - embora Blair insista em afirmar que esta luta nada tem a ver com o Islã - se recusam a dar seu endosso.

Blair cortejou pessoalmente o secretário-geral do Conselho Muçulmano da Grã-Bretanha, recebendo-o em Downing Street, mas não adiantou: Yousuf Bhailok pediu a interrupção imediata da guerra.

Em outras palavras, poucos no mundo muçulmano consideram o ataque ao regime afegão uma ofensiva, já tardia, a uma ditadura bárbara. Muitos, talvez a maioria, vêem nele um ataque a si mesmos. Não criticam o Taleban nem aplaudem sua queda provável; vêem os talebans como irmãos, as mais recentes vítimas da "cruzada" ocidental para humilhar o Islã. Nisto eles estão de acordo com Osama bin Laden.

A intensidade da reação nas ruas expõem uma brecha flagrante no argumento da coalizão ocidental, a mesma brecha que esteve no centro das discussões acesas na Grã-Bretanha e nos EUA depois de 11 de setembro, sobre a teoria do "choque de civilizações" defendida pelo professor Samuel Huntington, de Harvard. Para liquidar essa noção, Blair e outros insistem em que o Ocidente não tem mágoa do Islã. Mas nunca param para perguntar como o Islã se sente em relação ao Ocidente. Bin Laden insiste em que existe decididamente um choque de civilizações - e até agora, de Quetta a Gaza, ele é aplaudido. Com típica arrogância, a maioria dos pensadores ocidentais supôs que a tese de Huntington tinha a ver só conosco; esquecemos os outros.

Nossos líderes preenchem a lacuna fazendo pressupostos sobre o mundo muçulmano. É tranquilizador ouvir o xeque Anthony Blair e o mulá George Bush nos dizerem que o "bin-ladismo" é uma deturpação da fé amante da paz existente no Islã autêntico. Mas teria sido muito mais tranquilizador se veredictos semelhantes tivessem partido de estudiosos do Alcorão, de nível superior ao do primeiro-ministro britânico e do presidente americano. Claro que tem havido críticas a Bin Laden. Mas até agora nem os aiatolás do Irã nem os grandes muftis (chefes religiosos) do Cairo e de Jerusalém o marginalizaram como inimigo do Islã - não existe uma fatwa (decreto religioso) contra ele.

Não é difícil entender por que poucos entre os mais altos clérigos do Islã o condenam como blasfemo. Em sua maioria, eles estão ligados a governos que receiam desencadear uma revolta islâmica. Mas isso não é propriamente mais tranquilizador. Pois o que surge é a imagem de um mundo muçulmano onde minorias ruidosas e cada vez maiores idolatram Bin Laden ou onde governos receiam se erguer contra ele.

Qualquer das duas posições confirma que a campanha de propaganda ocidental para isolá-lo é inútil.

Isso motiva uma conclusão prática pessimista: esta guerra é uma situação de não-guerra. Capturar Bin Laden e levá-lo a julgamento criaria um ponto de convergência para a fúria islâmica e aumentaria sua lenda. Matá-lo criaria um mártir cuja morte seria terrivelmente vingada. Vivo, ele continuará provocando distúrbios facinorosos. Cada opção é uma vitória para ele e uma derrota para nós.

Pergunto-me se não teria sido mais inteligente ter apanhado os homens da rede Al-Qaeda um por um, discretamente e na calada da noite, em vez de proporcionar a Osama bin Laden esta guerra espetacular que ele almeja.

Pergunto-me se ele não está festejando, naquela sua gruta, a guerra que já venceu.